

Tela de
Thea

«Lua Vermelha»
Consagração do Ventre
Com Mirella Faur

Rito de passagem para celebrar os laços de
sangue femininos

8 de agosto, Sábado,
das 09h às 18h, na Unipaz

Celebrar os laços de sangue significa resgatar o mais antigo dos mistérios femininos num mergulho de conexão e gratidão pela força pulsante da vida.

Segundo Mirella Faur, «o reconhecimento ritualístico dos laços de sangue reforça as individualidades, ao mesmo tempo aprofundando o sentimento de interdependência e união, reconhecendo e reverenciando a sabedoria matrilinear ancestral e o espírito de irmandade»

Informações:
www.teiadethea.org

Inscrições:
luavermelha@teiadethea.org

Mãe Terra Madre Tierra

Na mesa de encerramento do VII Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais, citei uma frase do Mestre Boaventura de Sousa Santos a respeito de Madre Tierra: "A Terra é Mãe e a Mãe não se maltrata, se estima."

Sim, à Terra Mãe se cuida e se ama. Quando assim fazemos, ela é generosa e abundante, retribui nosso amor com fartura e beleza. Essa minha fala inspirou, por sua vez, Rogério, representante do Ministério da Agricultura (pasmem!) e que possui um sítio no qual vem, há mais de uma década plantando árvores e agroflorestas: «Sim, Madre Tierra é generosa quando bem cuidada».

Quando ele chegou no seu sítio, a terra havia sido morta por anos de exploração violenta, pelo fogo destruidor da vida, ardendo o cerrado que ali existia até que minguasse em aridez e deserto. Começou então, a plantar árvores, plantar vida em agrofloresta. Foi cuidando de Madre Tierra com dedicação e amor. Cuidou de suas feridas, que aos poucos cicatrizaram e Madre Tierra respondeu em gratidão com seu amor incondicional: Rogério nos contou de sua alegria quando dois olhos d'água magicamente brotaram das entranhas da Mãe!

E é tão mais simples do que imaginamos. As vezes, nem é preciso fazer nada, somente dar trégua à destruição e agressão, somente não maltratar. Como a retribuição diária que recebo de Madre Tierra, no café-da-manhã, em forma de mamão delicioso e doce, saudável e puro, presente de um mamoeiro que magicamente, assim como os olhos d'água de Rogério, surgiu certo dia no jardim da minha casa. Plantado por passarinhos ou germinado das sementes que rotineiramente jogamos no quintal ao invés de jogarmos no lixo. Aliás, como jogar sementes, bebês de plantas, na lata do lixo? Isso se tornou impossível para mim desde que me dei conta do absurdo desse ato! Esse mamoeiro surgiu discreta e mansamente e se tornou árvore farta e carregada dos frutos que diariamente abundam em nossa mesa. E a única coisa que tive que fazer foi não arrancá-lo de onde surgiu... foi amá-lo e deixá-lo crescer. Mais nada. Tão simples quanto isso...

Helena Maltez



Novo Grupo da Teia de Thea!

Estão abertas as inscrições para o novo grupo de estudos da tradição da Deusa e vivências de (re)conexão com a sacralidade e ritos femininos.

Mais informações em www.teiadethea.org
Inscrições somente por e-mail novogrup@teiadethea.org

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065
Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

Bibliografia: O Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur; Imagens da Internet



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Julho de 2009, nº 117



Posta-restante

Maria,

Acompanho sua coreografia cotidiana, mesclando o passo acelerado das suas atividades ao poético "dois prá lá-dois prá cá" que, apesar do cansaço, adoça o final de cada jornada. Às vezes, filha, você parece perdida, seja na armadilha de se adequar a um padrão, seja no poço sem fundo de atender expectativas, ignorando a própria intuição, os próprios limites. Pois desde que as mulheres foram se submetendo a um estilo de vida tão próximo de uma linha de produção, com metas fabris e febris a alcançar, a lembrança dos verdadeiros atributos femininos foi se diluindo.

Eu ofereço a você a lembrança de si mesma. Caso se estabeleça o espaço para sua conexão comigo, sua rotina não mais será um balé atordado no palco da vida. E tampouco será necessário renunciar ao viver diário, o que, longe de ser um mergulho espiritual verdadeiro, pode ser simplesmente um tipo

de fuga. Conectar-se com o sagrado em si mesma será a ponte para expressar, em verdade e plenitude, os atributos de fertilidade, criatividade, força, nutrição e constante renovação.

Desafios e percalços eventualmente acontecerão, em desdobramentos doloridos das ilusões e conflitos, dos descompassos e projeções em seus relacionamentos. Todavia, neles também estará a semente do autoconhecimento e a chave para a retomada da harmonia. Sobretudo, não permita que o desequilíbrio seja imposto como característica de um ciclo, ou da sua expressão feminina!

Que, ao fluir na Minha música, a sua vida seja composta em beleza, autorrespeito e amoroso cuidado, consigo mesma e para com todos os seres. Assim, Eu hei de ver você evoluir na dança maravilhosa de ser mulher plenamente, filha, esposa, mãe, amiga e quantos outros matizes você escolher.

Com as minhas bênçãos,
Aquele que é.



De dentro para fora... Os sentidos do amor

Na língua portuguesa utilizamos a palavra AMOR para definirmos diversas situações e tipos de vínculos emocionais. Em outras línguas, entretanto, são várias as versões para a palavra amor. Tais distinções são de grande valia para termos consciência a que tipo de amor nos referimos.

Citaremos aqui uma das expressões gregas para o amor: "pornéia". Este é o amor da necessidade, ama-se por que não é possível sobreviver sem o objeto do amor. E é justamente isto, o outro se torna "objeto" que pertence a mim e sem o qual não seria possível viver. Um exemplo típico deste tipo de amor é o do bebê para com sua mãe. Como existir sem ela? O bebê nutre-se de sua mãe e tem segurança por meio dela. E nesse momento ama sua mãe por que dela necessita. O amor aqui não é uma escolha, é uma questão de sobrevivência. Entretanto, ao

nos desenvolvermos caminhamos rumo à autonomia e esse amor, teoricamente, matura. Mas culturalmente, valorizamos um amor romântico que privilegia e que considera ideal e belo esse tipo de amor "pornéia": "não sei viver sem este homem", "não sem viver sem meus pais"... Esse tipo de amor revela uma simbiose em detrimento da integração. Aqui não há espaço para inteireza do Ser, porque se inteiro não necessito do outro, mas escolho estar com o outro e amá-lo.

Diante disso, podemos nos fazer questionamentos interessantes: Nas minhas relações tenho alimentado o tipo de amor "pornéia"? Tenho entregado ao outro a responsabilidade pela minha nutrição emocional? Tenho caminhado para construir a minha identidade e a minha autonomia ou me eximo dessa função e assumo os desejos que o outro projetou em mim?

A partir destas reflexões colocamo-nos diante de um dilema: permanecer na simbiose do amor *Pornéia* ou diferenciar-se para exercer o poder de escolha de caminhar ao lado do outro.

Paula Paz

AGENDA 2009

*05 de agosto: Plenilúnio - Lua da Colheita

*04 de setembro: Plenilúnio: Celebração da Deusa grega Ártemis

*22 de setembro: Comemoração do equinócio: Ritual de Gratidão - aberto para homens

*04 de outubro: Plenilúnio: Celebração da Deusa grega Hagia Sophia



Mirella Faur

Hera e Juno, as padroeiras dos relacionamentos

“O meu canto louva Hera, filha de Rhea, Rainha imortal, irmã e esposa de Zeus. Sentada no seu trono dourado Ela recebe as homenagens dos deuses do Olimpo, que A glorificam e honram tanto quanto ao Zeus, pois a ambos pertencem o cetro e o céu.”

Hino a Hera, de Homero (adaptado)

Hera, a Rainha Celeste, uma das mais antigas e poderosas deusas do mundo mediterrâneo, nos primórdios reinava sozinha e sem consorte, verdadeira herdeira da tradição da Grande Mãe. No entanto, poetas e historiadores no período helenístico e clássico lhe atribuíram um papel de menor importância, descrevendo-a como a esposa ciumenta e vingativa de Zeus, uma deusa insegura, cruel e injusta, padroeira do casamento e da fidelidade, que ela respeitava e cumpria apesar do alto preço a pagar. Zeus era um deus todo-poderoso, com comportamento tipicamente patriarcal, adúltero e dominador, que violentava deusas, ninfas e mortais e se gabava das suas conquistas e dos filhos ilegítimos. Hera aparece nos mitos clássicos e poemas homéricos como a consorte dependente e fiel, que usa seus poderes sobrenaturais e sua astúcia para se vingar das traições conjugais, matando as amantes e os filhos bastardos sem, no entanto, confrontar ou abandonar seu marido infiel.

Apesar desta descrição negativa, o culto de Hera floresceu em vários lugares, seus templos imponentes e faustosos sendo encontrados de Babilônia até Síria, Grécia, Creta e Roma, os mais famosos sendo os de Hierápolis, Sparta, Olímpia, Micenas, Argos, Cós, Samos, Corinto, Attica, Beotia, Epidaurus, Euboea, Platea e Creta.

Como se explicam os séculos de devoção a uma deusa “vulnerável” e misógina, com os inúmeros festivais e celebrações - chamados Heraea - em Hierápolis (com procissões, oferendas nos altares, banquetes e competições esportivas) ou Olímpia (com jogos e competições de corridas entre mulheres de várias faixas etárias) e as procissões anuais das sacerdotisas levando as estátuas de Hera para serem lavadas no mar?

Para compreendermos estas incongruências históricas devemos perscrutar os mitos arcaicos e a origem do mito clássico. Na era de Touro Hera era honrada como a deusa celeste com “olhos de vaca” (símbolo de beleza e riqueza), que presidia sobre todas as passagens da existência feminina. O nome grego He-



era significava A Senhora e A Escolhida, atribuído à uma deusa minóica do céu, da tempestade e do vento, sua essência sendo a soberania da terra e seus títulos definindo a regência das fases da vida da mulher e da natureza. Assim Parthenia era a donzela, a lua nova, a primavera, Teleia - a mulher adulta, a lua cheia, o verão e Khêra, a viúva ou mulher solitária, a lua minguante e o inverno. Além desta apresentação triplíce, Hera ainda tinha como atributos: Ataurote - a virgem, Nymphomene - a noiva, Zygia- a casada, Gamelia - padroeira do casamento, Antheia - deusa das flores, Acrea - a senhora das alturas, Hippiá - padroeira das corridas de cavalos. Suas imagens mais antigas a representam nos altares dos templos como um pilar de madeira sagrada envolto em panos ou uma mulher majestosa e bonita, os cabelos presos por um diadema, sentada sobre um trono e segurando um cetro com um cuco no topo (seu animal sagrado além do falcão, do pavão e da vaca) e uma romã

(indicando sua regência também sobre a morte, além da vida). Hera aparecia como uma deusa lunar e celeste, que controlava o céu, a terra, o ar e a água, protegia as mulheres, seus ritos de passagem e relacionamentos, regente da arte, da ciência, do tempo e das profecias. Seu culto antecede em muito o de Zeus, até mesmo em Olímpia, onde seu templo foi depois dedicado a Zeus. Quando as tribos invasoras vindo do Norte europeu invadiram a Grécia, o culto de Hera tornou-se um empecilho e assim ela foi transformada na consorte de Zeus, deus celeste e senhor dos raios.

O casamento mítico de Hera e Zeus representa a derrota do culto matrifocal na Grécia e Creta pré-micênica pelos cultos patriarcais e a amalgamação forçada das duas tradições e seus panteões. Os eternos conflitos do casal divino simbolizam as batalhas entre os seguidores de Zeus e os adoradores de Hera. A permanente tensão conjugal e a esterilidade matrimonial descreviam o contraste entre a antiga descendência matrilinear e as novas imposições da hierarquia patrilinear. Zeus negou a Hera realização sexual e emocional e nascimento de um filho legítimo, com medo de que ele poderia usurpar a sua soberania (assim como ele fez com o seu pai Chronos). Hera - à sua vez - recusou-

se gerar um herdeiro que perpetuasse o direito e a hegemonia patriarcal. Os inúmeros estupros de deusas e mortais atribuídos a Zeus representavam a violação dos direitos matrifocais e o ostracismo imposto às sacerdotisas de Hera pelos adeptos de Zeus. A perseguição e punição das amantes de Zeus por Hera, era uma metáfora que simbolizava o compromisso sagrado que impedisse a submissão das sacerdotisas à nova ordem patriarcal. A matança dos filhos destes estupros era uma medida extrema para evitar a existência de descendentes leais à nova ordem patriarcal. A severidade do comportamento de Hera com seus inimigos reflete o desespero das seguidoras do seu culto, que lutaram até a morte para preservar a linhagem matriarcal e os direitos sagrados das mulheres. Como consequência da instauração da nova ordem patriarcal, as mulheres foram proibidas de exercer práticas curativas, terem acesso aos estudos, cultos e calendários lunares, sendo punidas pelas transgressões das regras. Até nos dias de hoje, a violência contra as mulheres é atribuída ao comportamento errado, omissivo, devasso, rebelde, fútil ou carente das mulheres.

No panteão Olímpico Hera aparece como filha de Chronos e Rhea, irmã de Zeus que se apaixonou por ela, mas Rhea não lhe deu seu consentimento por conhecer a sexualidade voraz e desprovida de ética do seu filho. Para conseguir vencer a resistência de Hera refratária aos seus avanços, Zeus lançou mão de um estratagema, se transformando em cuco, que parecendo enregelado de frio foi acolhido nos braços compassivos de Hera. Depois que Zeus reassumiu suas feições ele a violentou, forçando-a aceitar o casamento, festejado por todas as divindades. O mito conta que a celebração do casamento durou 300 anos e em seguida o casal divino foi morar no monte Olimpo, onde Hera passou a dividir o trono com Zeus e ser a única deusa casada. No início a relação foi amorosa e pacífica, mas depois começaram as brigas perpétuas, com traições de Zeus, fidelidade e vinganças de Hera, humilhações e disputas recíprocas.

Apesar desta união tumultuada, Hera passou a ser reverenciada como a esposa modelo, que permanecia fiel e monógama, apesar da infidelidade do marido e das investidas de outros deuses. Enquanto Zeus gerou vários filhos fora do casamento, da sua união com Hera nasceram apenas as deusas Hebe e Eileithya que, segundo algumas fontes, não eram filhas, mas personificações da própria Hera (sua face jovem e a protetora dos partos). Para se vingar de Zeus pelo nascimento de Athena, Hera gerou de forma partenogenética (sem parceiro) os deuses Ares (odiado por Zeus), Hefaisto (rejeitado pela própria Hera por ter nascido aleijado) e uma criatura monstruosa, Tifon, a serpente de cem cabeças, inimiga mortal de Zeus. A relação conjugal de Zeus e Hera tornou-se o protótipo do casamento humano, com brigas, separações e repetidas voltas, Hera se retirando na solidão durante algum tempo, mas voltando após a renovação da sua “virgindade” ao se banhar na fonte sagrada de Kanathos. Em troca da sua fidelidade Hera esperava a mesma conduta do seu cônjuge e sua decepção se manifestou na amargura, ciúme obsessivo, raiva e vingança, bem como na projeção da sua libido reprimida e manifestada pela licenciosidade de Zeus.

Sua atuação feminina era mais como esposa do que como mãe, podendo



ser definida como uma “matriarca contida e reprimida em um mundo patriarcal”, sem ter tido o direito e as condições mútuas para que fosse celebrado o verdadeiro hierogamos, o casamento sagrado e consagrado. Os mitos clássicos enaltecem apenas a virtude da fidelidade de Hera, sem mencionar seus antigos atributos de proteção, força e nutrição. A ênfase está no ciúme mórbido, na maldade cruel das vinganças, na imagem maldosa de Hera, fato atribuído à vida conjugal de Homero, perseguido e atormentado por uma esposa vil e ciumenta.

A equivalente romana de Hera, a deusa Juno tinha um mito semelhante, mas uma maior autoridade e relevância, por terem sido agregados ao seu culto os atributos lunares e de fertilidade da terra de uma antiga deusa mãe. Para os gregos, a união perene de Hera e Zeus simbolizava a importância da manutenção do casamento. Para os romanos o casamento, lar e família tinham uma importância conjunta maior, louvando-se também a fertilidade e a maternidade como atributos divinos. Juno Natalis era a guardiã dos partos e da maternidade, Juno Lucina conduzia a alma para a luz e Juno Pronuba protegia as mulheres casadas, o mês de junho sendo a ela dedicado como favorável aos casamentos. Acreditava-se que cada mulher possuía uma individualidade feminina sempre renovada e jovem nomeada Juno, equivalente ao genius dos homens.

O asteróide Juno simboliza o princípio de relacionamento e da parceria equilibrada e harmoniosa, sendo associado com os signos de Libra e de Escorpião, definindo a aspiração para a união perfeita e os sofrimentos e complexos psicológicos oriundos da não realização. Ele descreve os jogos de poder, as manipulações, repressões, projeções, decepções, medos e conflitos encontrados nos relacionamentos desiguais e desajustados e indica as soluções para a sua transmutação e cura..

Para as mulheres que buscam resgatar os verdadeiros valores e conceitos da tradição da Deusa é imprescindível descartar a visão patriarcal de Hera como uma deusa vulnerável e dependente e A honrar como protetora e defensora, que cuida dos seus direitos, favorecendo e atraindo relacionamentos justos, leais e de honesta parceria. Precisamos transformar o arquétipo distorcido da Hera como esposa infeliz e dependente enraizado no nosso inconsciente, na cultura, literatura e ordem social vigente. Resgatar a Hera arcaica que vive em nós - simultaneamente com a sua imagem negativa mais recente - significa ver Hera como um incentivo para que amemos mais a nós mesmas, buscando nosso aprimoramento individual, cuidando dos nossos corpos, mentes, corações e limites. Devemos ter a coragem para exigir um relacionamento equitativo, harmonioso, honesto e equilibrado, vivendo com integridade, lealdade e respeito, sem nos deixar limitar ou prender por medos, co-dependências e concessões.

Pede-se à Hera a bênção para um casamento sagrado, uma união alquímica que una as almas e não somente corpos, corações ou interesses, em busca da fusão com o divino amor, que tudo permeia e que existe em todos e no todo.